

**CONTRIBUIÇÕES BENJAMINIANAS PARA MELHOR  
COMPREENDER A RELAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E LITERATURA:  
APONTAMENTOS INTRODUTÓRIOS<sup>1</sup>**

**Robinson Santos PINHEIRO**

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD),  
professor do ensino fundamental e médio da Escola Franciscana Imaculada Conceição – Dourados – MS,  
membro do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (FCT/UNESP).  
robinson22pinheiro@yahoo.com.br

**Cláudio Benito Oliveira FERRAZ**

Dr. Em Geografia – Universidade Estadual Paulista / Júlio de Mesquita Filho,  
professor do Departamento de Educação, Professor da Pós-Graduação em Geografia pela UFGD,  
coordenador do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas.  
cbenito2@yahoo.com.br

**Resumo:** Objetivamos, no presente artigo, incitar a discussão acerca da relação entre ciência e arte, mais especificamente entre o saber literário e o discurso científico, notadamente o das ciências que estudam os fenômenos humanos e sociais, perscrutando a possibilidade de enriquecer o saber científico a partir das formas perceptivas dos artistas, que materializam suas percepções da realidade nas suas obras. Para isto, de forma bem introdutória, iremos evidenciar alguns conceitos elaborados por Walter Benjamin, tais como o de tempo de agora, mercadorização da arte e narrador. Procuraremos tecer elos de comunicação entre as formas com que os cientistas constroem e narram as suas significações do espaço social com as formas que os literatos narraram as suas vivências dentro da trama desenvolvida na obra. Tendo conhecimento que, por muitas vezes, o artista acaba fingindo o espaço e por muitas mostrando uma realidade que pouco se nota nos estudos científicos.

**Palavras-chaves:** Linguagens; Literatura; Espaço; Tempo.

**Abstract:** This article aims to generate discussion about the relationship between science and art, more specifically between the literary knowledge and the scientific discourse, i.e., notably the one of sciences which studies the human and social phenomena. This article examines the possibility of enriching the scientific knowledge thanks to the perceptive shapes of the artists who materialize their perceptions of reality in their works. Thus, in a slight introductory way, some of Walter Benjamin's concepts are to be evidenced, such as the concept of the time-being, art merchandizing and narrator. It was tried to establish a link of communication between the shapes with which the scientists build and narrate their meanings of the social space and the shapes with which the literarians narrate their lives within the plot constructed in the work. It was noticed that from time to time,

<sup>1</sup> Recebido para publicação em: mar/09 Aceito em: ago/09

the artist ends up faking the space and also showing a reality which is barely noticeable in the scientific studies.

**Key words:** Languages; Literature; Space; Time.

### Palavras Iniciais

O presente texto, dentro das suas limitações, intenta ajudar na construção do diálogo acerca da interação entre o discurso das ciências humanas com a linguagem artística da Literatura. Diálogo este que é de vital importância para a construção de um pensar mais diferenciado, tendo como ponto inicial a contraposição do que o saber científico busca enquanto sistematização do ato de conhecer. Ir de encontro com as produções científicas que tem como origem a institucionalização das mais diferenciadas ciências, no nosso caso a humana, que se deu a partir do século XVIII tendo como modelo as ciências Física e Matemática, portanto, a partir de um referencial de especialização no estudo do objeto, se baseando numa estrutura organizativa do pensamento lógico expresso por um discurso rigoroso, exato, objetivo, não contraditório, totalizante e capaz de apresentar a verdade absoluta e essencial do fato ou fenômeno estudado, única forma de se dizer como o real é ou deve ser.

Para alcançar as suas pretensões científicas, o conhecimento produzido nos institutos de pesquisa e centros universitários acabou por esquecer ou marginalizar outras formas do saber, como o artístico, que, com características próprias, também acabavam retratando ou expressando acerca da construção do sentido do mundo moderno. A partir daí, o saber artístico adentrava na discussão científica apenas para “enfeitar” ou para que o autor mostrasse certa erudição, não procurando discutir com este referencial ou simplesmente não conferindo o valor que o mesmo merece enquanto um instrumento de apreensão e entendimento da realidade.

O saber arquitetado na academia se distancia da realidade, principalmente no que diz respeito às ciências sociais, ao tentar abarcar a totalidade, que no caso é a realidade social, os discursos não se enquadram nas especificidades das relações cotidianas. Cada ciência humana tenta se especializar numa dada particularidade do fenômeno social ou humano, mas por meio de uma estrutura analítica-discursiva que se pauta na generalização conceitual, ou seja, na possibilidade de todo elemento possível de estudo ser transformado num conceito que apresente o mesmo comportamento e a mesma forma ideal em qualquer situação e lugar.

Além do mais, outro problema que encontramos adentra nas formas de entendimento das relações sociais por essa visão hegemônica de estudos científicos, pois, como será possível dotar de significados uniformes e universais a realidade social se ela própria se dota de significados existenciais. Diante desse questionamento, segundo Santos (1989, p. 27), [...] “o discurso científico é hoje, em face do cidadão comum, um discurso anormal no seu todo”. Tal afirmação nos leva

a procurar/arquitetar um discurso que amenize esta anormalidade. Para a concretização do proposto, ressaltamos a utilização das expressões artísticas.

Perante o exposto, nossos esforços se concentram exatamente no fato de procurar contribuir na busca da relação entre ciência e arte, a partir de um olhar apenas introdutório sobre algumas idéias que o filósofo Walter Benjamin discorreu sobre literatura e ciência.

Buscaremos pontuar algumas diretrizes acerca do cogito benjaminiano que possam contribuir na inter-relação da abordagem científica com a Literatura, notadamente no que tange o sentido espacial da atual organização social. Ressaltando seus principais conceitos, que nos permitirão uma melhor leitura da obra (literária) e um maior aprofundamento no entendimento do pensar artístico. Buscando, em Benjamin, elementos que possam ajudar na construção de um discurso mais diferenciado e rico acerca da leitura sobre a espacialidade.

Devemos ter em mente que o objetivo de tal proposta está localizado no fato de que estamos procurando ofertar referenciais de complementos analíticos, para que melhor o ser humano se entenda no mundo ou, simplesmente, para que melhor entendamos o homem na sua relação com os fatos que o cerca. Ou seja, tecer um conhecimento do homem que esteja para além do que está sendo comumente vigorado pela ciência moderna, buscando como referência outros fios que complementem a cientificidade, no nosso caso, destacamos os elementos literários.

### **Algumas observações necessárias para um diálogo entre Ciência e Literatura**

[...] embora sendo obra de imaginação e criação literária, contém uma “verdade” que pode estar “além” daquela advinda da observação acurada, dos registros sistemáticos de fatos. [...] Não se trataria, de nenhum modo, de substituir a análise científica pela criação artística, mas apenas retirar desta (literatura) novos aspectos de interpretação; reconhecê-la como um meio de enriquecimento (MONTEIRO, 2002, p. 14 – 15).

A busca por uma interação com elementos que possam enriquecer o discurso científico de maneira a contribuir com novas perspectivas para esta ciência, aponta para o reencontro com outras esferas do saber que o pesquisador tendeu a se afastar em nome da institucionalização enquanto ciência oficial a serviço do Estado.

O filósofo Nietzsche, questionando a lógica científica, pontuava a necessidade de buscar outros referenciais para se pensar a realidade, dizendo que do ilógico – forma como Nietzsche se referia ao saber que não era científico segundo os moldes vigentes da época – “surge muita coisa boa” e que o ilógico é necessário para o homem. Ou, nas palavras de Nietzsche (2006, 51):

Entre as coisas que podem levar um pensador ao desespero figura

o reconhecimento de que o ilógico é necessário para os homens e que do ilógico surge muita coisa boa. Ele está tão firmemente ancorado nas paixões, na língua, na arte, na religião e geralmente em tudo aquilo que confere valor à vida, que não pode ser retirado dela sem causar com isso um irreparável dano a essas belas coisas. Somente seres por demais ingênuos podem acreditar que a natureza humana poderia ser transformada numa natureza puramente lógica; mas se houvesse graus de aproximação para esse objetivo, quantas perdas não se sofreria por esse caminho! Até o homem mais racional necessita, de vez em quando, retornar à natureza, isto é, a sua *relação fundamental ilógica com todas as coisas*.

Nietzsche faz ressalva à necessidade de procurarmos outros referenciais que nos permitam melhor nos entender, identificar e nos localizar no mundo, que estejam para além do rigor lógico de elevação do pensamento à verdade absoluta, pois o ser humano precisa/necessita se relacionar de forma ilógica com a realidade que o cerca, pois esta é uma relação fundamental do homem com as coisas, é o modo mais natural e básico com que os indivíduos entram em contato com o mundo.

Contudo, fazemos aqui uma observação. Não estamos fazendo a apologia ao irracional ou às formas puramente relativistas de produção de conhecimento, o que estamos apontando é que o discurso científico hegemonicamente institucionalizado apresentou e apresenta problemas quando de não perceber/assumir seus limites, sendo a partir dessa tomada de consciência autocrítica que se pode vislumbrar outros caminhos para os estudos científicos. A tentativa de se buscar elementos mais objetivos e lógicos de leitura do mundo não significa absolutizar os mesmos em nome de uma verdade essencial que se imponha ao mundo.

O ilógico aqui destacado, portanto, visa apontar que o diálogo com essas esferas do saber humano é necessário para que o discurso científico possa contribuir com mais humildade e pertinência para que os homens tenham melhores informações e condições de se localizarem e se orientarem no mundo, de forma mais consciente e próxima de suas reais necessidades. A questão é como ler e interpretar o mundo dos homens e não dizer como o mundo deve ser em nome de uma humanidade metafisicamente ideal.

Considerando o fazer ciência um acúmulo. Acúmulo de erros e acertos, não pretendemos negar a inerência do erro a todo acerto, mas visamos focar que o insistir numa visão especializada, metafisicamente hipertrofiada da capacidade do discurso científico em dizer a única e definitiva verdade sobre o mundo, é um erro que deve se evitar. Diante disso, o que deve nos interessar é promover uma inter-relação entre as formas de apreensão do mundo – relacionar o lógico com o ilógico ou relacionar o científico com as outras formas de percepção do real.

No entanto, as expressões artísticas (literatura, música, pintura etc) e, consecutivamente, as outras esferas da qual pertencem o mundo da subjetividade (intuição, desejos, silêncio, senso comum etc), que foram consideravelmente desvalorizadas pelas práticas profissionais dos pesquisadores e cientistas, precisam ser agora, diante dos impasses e dificuldades de referenciais socialmente positivos que os estudos científicos incorrem, melhor observadas para um diálogo que possa enriquecer mutuamente essas várias expressões do saber humano.

Desta feita, temos que perscrutar a construção do nosso diálogo com a possibilidade de arquitetar o discurso científico para além de uma fantasmagoria, pois este discurso, ao nosso ver, está perdendo o contato com as vivências humanas cotidianas, que são cada vez mais heterogêneas e plenas de subjetividade. Ou como enfatiza Pasternak (1993, p. 55):

Na medida em que nosso cotidiano é pleno de subjetividade, não é de espantar que o nosso saber científico soe como falso frente a ele. Em uma época científica mais ingênua, pensou-se que a subjetividade pertencia ao domínio da ilusão, que era preciso rejeitá-la, e que somente o saber objetivo era verdadeiro. Hoje se sabe bem que isso é falso. Essa subjetividade não é uma ilusão, é uma outra parte do real, não menos importante.

Por tentar reencontrar o pensar científico com os elementos outrora negados pela busca estritamente metafísica quanto ao valor essencial da verdade de seu discurso, que possuía como referencial os modelos das ciências física e matemática, assim como de conjuntamente valorizar o subjetivo na busca do entendimento da realidade, de maneira a melhor entender a relação do homem com o mundo, é que se encontra a necessidade de promovermos um diálogo entre ciência e arte. Procurando fazer com que o discurso científico se aproxime cada vez mais da elaboração de significados interpretativos possíveis da realidade ao invés de impor um definição única e idealizante do como esta deva ser, para assim possibilitar leituras, e entendimentos mais próximos das reais necessidades que cada ser humano fundamenta o seu existir social.

Enquanto diretriz metodológica para um estudo que tenha por base a busca da inter-relação entre ciência e arte, concordamos com Moraes (2002, p. 20) em que assevera que devemos considerar a análise da obra literária a partir do “[...] autor, obra e época como mutuamente explicativos”. Ou seja, autor devido o seu contexto de criação que acabou por desembocar nas suas expressões artísticas perante a sociedade; época pelo fato de que a conjuntura histórica, juntamente com suas condições de vida, acaba por influenciar na sua posição intelectual perante o mundo; e a obra por ser o objeto em que o autor materializou suas impressões da realidade que o cerca.

Diante dessas considerações, ressaltamos que deveremos buscar, nas obras

literárias, na medida do possível, elementos<sup>2</sup> que possam melhor nos auxiliar num entendimento mais rico do objeto de pesquisa<sup>3</sup>. Temos que procurar objetivar/destacar os aspectos que viabilizam uma leitura mais profunda e dinâmica tempo/espacial da sociedade.

Levando em consideração que a literatura é um veículo no qual o autor expressa suas impressões sobre sua realidade vivida/experimentada, englobando os aspectos político/econômico/cultural/ideológico da mesma, e essa contextualização dos vários elementos que se manifestam com certa característica num determinado tempo e lugar, estabelecendo uma determinada forma paisagística de um conteúdo social específico, captados ou apresentados pelo autor em sua criação artística, por meio da trama por ele narrada, permite-nos concordar com Silva apud. Lajolo (1982, p. 7 – 8):

[...] a literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem.

Concordamos com a citação acima, pelo fato de que, ao lermos um romance, nos deparamos com várias experiências comuns ao drama existencial de cada indivíduo que, conforme o arranjo espacial em determinado contexto temporal que o grupo social apresentado na narrativa literária, permite-nos identificar essas expressões de dor, angústia, alegria, desespero, loucura etc., já vividas/percebidas/intuídas pelo autor a partir de sua percepção dos elementos que se manifestam na sociedade, como pertinentes ao nosso meio social. Sendo assim, muito destas experiências convergem com as nossas e a partir das convergências podemos abstrair elementos que melhor nos oriente perante os percalços da vida cotidiana do hoje, ou seja, que nos auxilie a construir referenciais mais amplos de localização e sentido espacial de nossa vida em relação ao mundo.

Aferimos que a leitura de determinada obra faz com que nos deparemos com vivências-experiências que materializam determinada paisagem, no entanto, esta paisagem faz com que o interlocutor crie suas próprias paisagens “mentais” que vão estar diretamente ligadas com o referencial de vida que cada indivíduo presenciou. Ou seja, “[...] evocam, em cada leitor, sua palmeira e seu sabiá, que podem não ter existido, mas cuja existência se presente a partir da leitura” (LAJOLO, 1982, p. 44).

<sup>2</sup> Que acabavam por justificar/legitimar ou criticar os signos que eram colocados para a edificação dos conceitos e da espacialidade nas suas mais variadas facetas.

<sup>3</sup> Fazemos menção a pesquisa por acreditarmos que os diferentes olhares que são direcionados à realidade podem muito serem enriquecidos a partir desta busca ou procura de entender o seu objeto (urbano, rural, sociológico, demográfico etc.) olhando também as formas com que os indivíduos alvos de estudos observavam e significavam o existir.

No entanto, a discussão com a literatura fica na forma de como iremos conseguir retirar/interpretar do texto literário o objeto alvo de estudo dentro das ciências humanas e da forma com que iremos, sempre na medida do possível, melhor pontuar estes elementos retirados da obra para que nos auxiliem no entendimento ou enriquecimento do cogito contemporâneo.

A história vivida dos leitores é passível de ser analisada na comparação estabelecida entre as experiências individuais com as apresentadas pelos personagens a partir do grau de observação e técnica de narração dos autores que tentam, dentro da sua subjetividade, transportar estas histórias do cotidiano para o interior da narrativa, ou seja, a representação imagética que determinado autor tem da realidade é transposta em palavras e cada leitor, ao ler a estas, abstrai/reinterpreta partindo dos seus referenciais ou simplesmente partindo das suas experiências mundanas.

Nas palavras de Oliveira (1984, p. 84):

A conduta humana depende dos valores vigentes na sociedade, ao mesmo tempo ela cria, reforça ou transforma tais valores. O fato social é aquele que tem significado. O significado é um código, é um patrimônio coletivo que emerge na sociedade sob diferentes formas. As instituições educacionais, as normas legais, a religião, a literatura constituem revelações deste código coletivo.

Ou seja, temos que “beber do doce” literário para conseguirmos melhor decifrar alguns “códigos” e, sempre que estiver no nosso alcance, buscarmos, no desvendamento destes, possíveis elementos que possam enriquecer o cogito epistemológico do discurso científico.

Sempre procurando entender que o artista ao retratar - ou decifrar alguns códigos sociais - determinada mazela/acontecimento que aflige a sociedade, “também” busca dar referenciais de mudanças, com isso, cabe a nós – pensadores - darmos continuidade nesses referenciais de mudanças que possam nos nortear para um entendimento mais diferenciado dos fenômenos espaciais do início do século XXI.

Aqui cabe destacar uma segunda observação necessária a um trabalho como este. Pois, de certa maneira, devemos retirar o “véu” que nos cobre os olhos e procurarmos ir para além de uma mera defesa ou crítica a determinada “escola” do pensamento científico ou referencial teórico em si.

Não podemos negar sempre as inter-relações (inter-relação tanto com as correntes epistemológicas que permeia as discussões teórico-metodológicas como as possíveis inter-relações com outros ramos do saber) que possam melhor nos auxiliar para explicar determinado objeto. As teorias ou os conceitos não podem ser vistos como instrumentos fixos a nos guiar na escuridão do “túnel”, pois, até mesmo, se formos adeptos a esta utilização metódica estaremos negando o processo dinâmico e

diverso da contínua espacialização (transformação) da realidade.

Contudo, como nosso interesse é uma contribuição a partir do diálogo com a literatura, reduzir o estudo sobre esta possibilidade a uma questão do método/conceito/teoria é desvirtuar a própria possibilidade de se enriquecer o mesmo com a diferença teórica.

No que segue, pretendemos dar continuidade a esta discussão e apontarmos alguns elementos do cogitar benjaminiano que melhor nos ajudarão a entender esta proposta.

### **Benjamin, discurso científico e linguagem literária - apontamentos**

Desde cedo Walter Benjamin se envolveu com as questões que envolviam a produção de um discurso científico a partir do contato deste com os elementos artísticos, contudo, suas bases culturais o levaram a ir, paulatinamente, buscando um redimensionamento dos parâmetros teórico-práticos dos referenciais marxistas, com os quais compartilhava, visando uma leitura mais ampla e dinâmica das diversas contradições sociais que foram se agudizando ao longo da primeira metade do século XX. Desde sua Tese de Doutorado, intitulada **O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão**, já se percebe como o filósofo objetiva discutir os profundos conflitos do período a partir de um resgate histórico cujo foco se dá pela perspectiva cultural, entendida não num movimento retilíneo ou progressista e sim de uma dialética radical cujo movimento interage aspectos não exclusivos do ambiente material, mas também de toda a psicologia e mitologias que permeiam os diversos valores e referenciais que afetam os indivíduos.

Contanto, na década de 1920, com Theodor Adorno e Max Horkheimer, consegue um diálogo que, ao mesmo tempo permite um amadurecimento dos aspectos culturais e de uma ampliação dos referenciais marxistas, também provoca em Benjamin o aprofundamento de uma singularidade expressiva que acaba desembocando na recusa de sua Livre Docência **Origem do Drama Barroco Alemão**, em 1928, frustrando o pensador quanto a uma possível carreira acadêmica.

Graças a essa incompreensão do meio universitário alemão, Benjamin passa a sobreviver por meio de artigos e radicaliza a forma de compreensão e representação de suas reflexões. A alegoria, as frases fragmentadas, o jogo de idéias, a causalidade das impressões, o resgate da memória em meio as preocupações do presente, enfim, um jogo de imagens em aberto que confunde e entorpece os acomodados com as tradicionais redações filosóficas ou de críticas culturais.

Central para o amadurecimento de suas idéias foi seu fino poder de observação dos novos meios tecnológicos aplicados na produção da arte e de como, frente as transformações do mundo moderno, novas obras, tanto no cinema, na fotografia, na pintura como na arquitetura, mas também na literatura, indicavam toda uma nova concepção de relações espaciais a viabilizar uma outra percepção

temporal.

Diante disso, percebe que a consolidação dos valores e referenciais de leitura e ação humana até então acumulados por meio da experiência coletiva, a "Erfahrung", não conseguia mais ser resgatada pelas grandes narrativas, sendo substituída pela "Erlebnis", a experiência individual, que não capacita o sujeito para compreender o sentido geral em que sua vida esta inserida. Diante do esfacelamento da vida moderna, do pesadelo dos fragmentos e detalhes perante a máquina da economia capitalista, Benjamin identifica na arte a capacidade de elaboração de imagens pertinentes de sentido e de possibilidades para o ser humano.

Um passo importante para melhor entendermos as reais possibilidades da utilização das obras literária para pensar o "homem" e potencializar nossa compreensão acerca das formas que podemos nos apropriar das mesmas para construir um discurso profícuo no sentido de enrijecimento de um pensar científico que se aproxime da sociedade encontramos na visão Benjaminiana de História: o "tempo-de-agora".

Este conceito consiste em asseverar que cada tempo é único e revolucionário, pois, para ele, o entendimento progressista do tempo histórico, em que cada período vai ser superior ao anterior, é um engodo. Que apenas se justifica pela idéia de que este progresso vai se findar numa sociedade perfeita por simples ou árduo estrangulamento das contradições. Segundo Benjamin (1993, p.8), "[...] a historiografia 'burguesa' e a historiografia 'progressista' se apóiam na mesma concepção de um tempo 'homogêneo e vazio'".

Benjamin acredita que a concepção de tempo histórico – burguesa ou progressista, está diretamente atrelado às condições contemporâneas que o sujeito presentifica na sociedade capitalista, fazendo com que o indivíduo se perca em meio à construção mercadológica contemporânea.

Segundo Ferraz (2001, p. 40),

Esse indivíduo isolado, perdido em meio aos objetos e valores mercadológicos da sociedade industrial e consumista, perdeu sua memória coletiva, suas experiências em grupo, seus referenciais mais íntimos, fruto de relações fundantes de sua humanidade, qual seja, o amor, a paixão, a liberdade, a imaginação criadora, da consciência do que é sua vida a busca da "felicidade" enquanto existência humana.

Aqui cabe ressaltar um importante conceito benjaminiano que pode auxiliar no rompimento com a situação de individualização que a sociedade capitalista acaba gerindo, ou seja, para conseguirmos nos encontrar com o tempo-de-agora que Benjamin ressalta é preciso relembrar. 'Rememorar' fatos ou acontecimentos do passado para nos encorajar e dar-nos força para rompermos com a situação de exploração e empobrecimento da vida.

O papel do cientista, segundo Benjamin, seria exatamente o de ser o intelectual capaz de narrar as experiências vivenciadas pelos indivíduos em sociedade, resgatando estas da morte pelo esquecimento, reavivando-as com novos sentidos e possibilidades para o futuro então presente.

Sendo o cientista o narrador das relações hodiernas, cabe ao mesmo se apropriar de tudo o que venha a fortalecer o seu discurso, buscando outras linguagens, como a literatura, que, por ser uma expressão artística, carrega em si os aspectos subjetivos, os detalhes e fragmentos desprezados pelo olhar científico, mas capazes, dentro da lógica da mercadorização das relações e valores humanos, pontuar possibilidades de superação da tragédia e injustiça social hegemônica. A linguagem literária, a partir das análises que Benjamin faz sobre Baudelaire, Kafka, Proust entre outros escritores e suas obras, permite vislumbrar onde as pequenas experiências, as “erlebnis”, podem ser resgatadas como narrativas restauradoras da memória e potencializadoras da instauração do novo social, permitindo assim a destruição da tradição de um espaço pautado na violência e exploração.

O discurso científico, portanto, teria que assumir seu caráter literário de narrativa das experiências humanas, literatura esta que, na conceituação de Benjamin, é uma idéia do autor que elaborou a obra, ou seja, faz parte do universal de determinado autor que salva o todo cogitado acerca da sociedade por meio de suas obras.

Nesse aspecto, destaca-se um conceito central no pensamento de Benjamin que aqui muito nos interessa, o conceito benjaminiano do narrador, ou seja, do indivíduo que conta para as outras gerações da sociedade as suas próprias experiências e as experiências dos outrem que já antecederam o tempo-de-agora. Para Benjamin, esta arte de narrar tem todo um valor, pois nos transmite vários aspectos que poderemos nos pautar para melhor entender o agora pensado/vivido, ou como melhor explica o próprio Benjamin, em O Narrador:

[...] a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis (1993, p.200).

Benjamin, ao estabelecer esta relação entre a literatura e o narrador, estava pensando principalmente no papel do historiador, contudo, aqui nos apropriamos desse pensamento para destacar o papel dos pensadores em geral envolvidos com as várias ciências humanas que, de uma forma ou de outra, mergulham no tempo e no espaço para mais bem entender as diversas facetas do ser humano. Benjamin,

portanto, aponta para o intelectual moderno uma função social de prioridade nodal ao conjunto dos indivíduos, independente da especialização científica deste, pois é através do resgate da memória dos mortos que os vivos podem criar condições melhores de existência.

Para melhor explicar o que está aqui interpretando do pensamento benjaminiano, podemos focar alguns aspectos que ele retirou da leitura da obra de Baudelaire quanto ao papel da arte em meio a tecnificação da sociedade capitalista. Ao tentar retirar aspectos narrativos a partir dessa obra, Benjamin identificou que ao mesmo tempo em que percebia os perigos e danos à humanidade advindos com a industrialização, massificação e mercadorização da sociedade, entendia que esses novos elementos traziam novas possibilidades e potencialidades de construção de um novo tempo, de um novo mundo a partir de seus próprios fatores destrutivos.

Benjamin identifica na tecnologia elaborada e aplicada à sociedade capitalista fundada na lógica da mercadoria, o caráter destruidor da tradição, dos elementos históricos que fundamentavam qualquer possibilidade de identificação temporal do homem no mundo, contudo, identifica também a possibilidade da tecnologia substituir essa tradição, subvertendo todo o sentido do humano e da sociedade, tanto na perspectiva da destruição desta quanto na possibilidade de sua renovação. Essa possibilidade em aberto é que instiga-nos por não apresentar uma solução, mas a possibilidade histórica de assumirmos nossa própria história individual e coletiva de vida, tanto para nossa superação quanto para a destruição. Eis o sentido dual com que Benjamin enfoca a questão da tecnologia em nossa modernidade.

Ao tentar melhor entender esse processo de enraizamento da tecnologia na vida humana, Benjamin debruça-se sobre a questão da arte. A arte é a instância que propicia se distanciar dos modelos racionais e formais que envolveram ao discurso científico, transformando-o numa aplicação de rigor técnico e tecnológico à sociedade capitalista. A arte recebe o impacto das tecnologias e possibilita entendê-las como produtos humanos, o que viabiliza discutir os diversos sentidos e possibilidades das tecnologias em meio ao mundo moderno.

Benjamin identifica na arte, no nosso caso aqui a literatura, os potenciais humanos de resistência e de superação, mas não como recusa à tecnologia via abertura à origem do ser, mas pelo contrário, como reprodutora do novo, destruindo a tradição e instaurando a possibilidade de superação. Assim, a literatura em Benjamin possui sentidos em aberto, pois significa, a destruição dos referenciais estéticos e perceptivos como até então eram concebidos, produzidos e apreciados, o que potencializa o fim dos elementos sociais hegemônicos na cultura e sociedade capitalista, ao mesmo tempo que permite entender a arte como produzida a partir dos novos valores sociais, ou como mercadoria e assim compreender melhor novos níveis de percepção, de criação de valores e de conduta humana (BENJAMIN, 1993).

E quem vai permitir essa capacitação de leitura e interpretação das obras para melhor subsidiar seus referenciais de orientação, localização e intervenção no

mundo, são os intelectuais, os cientistas que passam a tirar das narrativas literárias as experiências passíveis de identificação com os explorados e injustiçados socialmente, viabilizando assim a superação das injustiças e a construção de novas relações humanas, mais equânimes e necessárias.

A conclusão, a partir dessa forma de leitura que fizemos das ideais de Benjamin, é que o diálogo com a literatura é central para o papel social do discurso científico, mas um discurso produzido por intelectuais que assumem suas funções de pensadores e interpretes da subjetividade artística da literatura por meio do diálogo com a objetividade dos conceitos científicos em prol de um novo projeto societário. Isso é uma possibilidade e um desafio.

### **Considerações**

Temos consciência de que a ciência atual tem todo o valor para as pesquisas e que não podemos negá-la, mas queremos deixar claro que ela pode encontrar outros elementos que possam lhe ajudar no melhor entendimento da realidade, pois se não introduzirem outros fatores que a auxiliem para um pensar diferente acerca do real (heterogêneo), como estamos tentando ressaltar, vai sucumbir numa incapacidade total de apreensão e explicação das experiências de vida.

A busca do cogitar institucionalizado de tentar apreender todos os sentidos, as significações da sociedade, buscando o entendimento ou abarcar o todo do cotidiano, pautando-se numa postura generalizante e mecânica acaba por negar as particularidades que muito podem ser úteis para um entendimento mais rico entre a dialética homem mundo.

Frente a isso, verificamos a possibilidade de trabalharmos com os referenciais artísticos, para, dentro do possível, enfatizarmos a subjetividade. Respeitando as particularidades e contribuindo para com a ciência, ofertando distintas possibilidades de entendimento do real.

Desta feita, um olhar com mais cuidado para os ensinamentos e incitações intelectuais que o filósofo Walter Benjamin proferiu podem ser de muita ajuda para melhor entendermos esta relação. Nos apropriando de alguns conceitos elaborados por Benjamin e, com isso, utilizarmos na direção do enriquecimento do nosso pensar enquanto cientistas que buscam significar o real, narrando as condições sócio espaciais em que vivemos.

A utilização dos elementos artísticos na ciência, com o intuito de significar o real, pode se apresentar muito profícuo com os seus resultados. Pois conseguiremos dotar de significados uma realidade a partir dela mesma, ou seja, partiremos de como os próprios indivíduos significam seu existir. Assim, aproximando o científico com o cotidiano humano.

Verificando que, para uma melhor utilização destas formas de leitura acerca das formas e conteúdos literários, se faz de grande importância um melhor

entendimento do pensar benjaminiano, que procuramos introduzir para a discussão. Cabendo agora, para aqueles que se interessam pelo tema, o aprofundamento teórico e a busca do diálogo com os outrem<sup>4</sup>, assim como estamos procurando fazer.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura** (obras escolhidas). Trad. Sergio Paulo Rouanet. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- FERRAZ, Cláudio Benito O. **O ensino de geografia para além da geometrização do espaço**: apontamentos entre o redondo e as retas. IN: Caderno Prudentino de Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros. Presidente Prudente, SP: AGB, 2001.nº23.
- FERRAZ, Cláudio Benito O. **O olhar e a paisagem**: caminhos de um poema. IN: Caderno Prudentino de Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros. Presidente Prudente, SP: AGB, 2004. nº26.
- GRONDIM, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- JAUSS, Hans Robert, [et al]. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Coord. e trad. De Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio – Uma leitura das teses “Sobre o Conceito de História”. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant – Trad. das teses Jeanne Marei Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Ed. Boitempo, 2005.
- LAJOLO, Marisa. **O Que é Literatura**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O Mapa e a Trama**: Ensaio Sobre o Conteúdo Geográfico em Criações Romanescas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.
- MENEGAZZO, Maria Adélia. **Representação artística e limites espaciais**: o regionalismo revisitado. In: RUSSEFF, Ivan (et al). Ensaio farpados: arte e cultura no pantanal e no cerrado. Campo Grande: Letra Livre/UCDB, 2004.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

---

<sup>4</sup> Aqui destacamos os outros pesquisadores que se interessam pelo cogitar benjaminiano e pela relação entre o saber científico com o saber artístico.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2006.

NOVAES, Aduino (org.). **Artepensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Literatura e Ciências Sociais: Literatura e Sociedade, Teoria Literária e Análise Sociológica**. IN: Os Contrapontos da Literatura (Arte, Ciência e Filosofia). Sonia Salomão Khéde (Coord.). Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

PORTELLA, Eduardo. **Literatura e realidade nacional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.